O FESTIVAL DE SALINAS

Aos trancos e barrancos Davy finalmente chegou ao festival. Provavelmente 10h da noite, gente bonita, gente cheirosa, gente bem vestida, gente mal vestida, uns vendendo cigarros, uns vendendo bebidas, outros manobrando carros, um quase sendo atropelado, outro bateu o carro. Uma bagunça, mas aquela bagunça que o brasileiro ama, e nosso amigo, sendo brasileiro, também amara. Ele não estava sozinho, estava na companhia de mais dois, um amigo de longa data, Aldi, e outro que conheceu ali na hora, Muth.

Entraram. Mas não antes de furar uma fila quilométrica se metendo e se espremendo na multidão já no portal, na barreira dos guardas, que não revistaram ninguém, Davy comentou com os outros dois:

– Se eu soubesse teria trazido meu canivete.

– Eu também. Um respondeu

Como o amigo de longa data de Davy, Aldi, estava com um dívida de duas garrafas de vodca com Davy, coisa de outras festas, ele foi de livre e espontânea coação levado a uma barraca para comprar uma garrafa para dividir entre os três, depois de uma breve negociação, Aldi e Muth resolveram ir ao banheiro e acabaram deixando nosso amigo, Davy, sozinho com o dono da barraca. Como o movimento estava fraco, ele puxou conversa, perguntou do movimento e das vendas, o vendedor respondeu com dois ou três parágrafos, que não estavam indo tão bem assim, disse que o local era ruim e que geralmente naquele festival as vendas sempre tendiam a ser pequenas mesmo.

Continuaram a trocar papo furado, no final, Davy já sabia que o vendedor tinha um filho que também estava trabalhando na festa, uma irmã que era professora, que ele também nascera na mesma cidade que Davy, morou em quase todos os bairros, tinha

uma casa onde hoje é um posto de gasolina, e que atualmente morava em Mutuípe, além de ser amigo de infância de um policial que hoje é vereador.

Minutos depois Muth e Aldi voltaram, o segundo finalmente comprou alguma coisa, para a alegria do vendedor da barraca: uma vodca saborizada com cor rosa, cheiro de desinfetante e gosto de morte com pitadas de doença no rim, uma verdadeira delícia, que com gelo era perfeita para se embriagar. Dividiram nos copos e saíram para reconhecer o terreno da festa.

Era um campo aberto calçado à beira mar, o clima era bom, não chovia, não fazia calor, nem frio, perfeito. Os 3 andaram pra lá, reconheciam um amigo, andaram pra cá, reconheciam uma amiga, beberam no copo de uns, deram de beber no copo para outros, até uma ex de Aldi, que ele não superou apareceu pra deixar o cara balançado, Davy, como bom amigo, propôs ir falar para ela que Aldi ainda a amava, só de brincadeira, mas Aldi não aguentariam, então Davy parou de graça.

Não pergunte a Davy quem foram os artistas que tocaram no palco, pois ele pouco estava a se importar com isso e nem prestou atenção, a música para ele é somente um pano de fundo, algo para compor o cenário e o ambiente. A filosofia do nosso camarada com relação a esses eventos, é mais alinhada ao hedonismo do que outra coisa.

De certo, seguindo esse padrão, quando a primeira garrafa secou, lá foram eles voltar a mesma barraca do carinha, comprar mais outra vodca saborizada com cor rosa, cheiro de desinfetante e gosto de morte com pitadas de doença no rim, dessa vez misturaram com caipirinha de uma outra colegada que veio falar com eles, então a cor agora era verde Shrek.

Davy tem uma mania bem conhecida por Aldi de “treinar” o seu inglês nesse tipo de festa, tanto que da última vez quase que se terminou em porrada, mas uma dissimulada não deixou que chegasse a esse fim.

Pois bem, você agora deve estar se perguntando, “como assim, treinar inglês?”. Pode deixar que eu explico: Davy se acha o saber do inglês, acha que é quase fluente (ele sabe sim lá manter um diálogo simples em inglês, mas nada de mais), então ele se desafia a chegar em mulheres apenas falando inglês se passando por gringo, só pra ver o que acontece. Coisa de bebo.

Certo, uma vez explicado o que é esse treino de inglês, vamos a aula daquela noite.

Ainda na barraca das bebidas, enquanto o carinha ia buscar a nossa, Davy fala para Aldi:

– Vou treinar meu inglês. Aponta.

Aldi já sabia do que se tratava, exitou alguns segundos, olhou para norte e sul e então, bêbado como estava, apontou para uma barraca do lodo, 3 mulheres jovens, também comprando bebidas. Davy se vira, e anda em direção do grupo, Aldi ainda manda um “pera ai, rapaz”, Davy não para e continua, chega e fala com sua foz em inglês direcionado para uma das do grupo:

- *Good evening young lady, I don't know if you understand me, but I really needed to come here and talk a little with you. You are so Beautiful*.

Risinhos pra lá, risinhos pra cá,

– ai não não sei falar inglês haha

– o que ele disse, amiga hahaha?

Então, ele desarma o personagem

– kkk tó zuando pô, eu falo portguês kkkk

Ai todos caem na gargalhada, um tapinha no ombro de Davy e as bebidas chegam, uma delas pede um pouco e Davy pega o número dela.

Voltam os três para a muvuca da festa, Davy já sentia a vista turva e os olhos pequenos juntos com a maior necessidade de calcular os passos, eram as vodcas fazendo efeito.

Passam algumas horas, na verdade passam variáveis horas e até que Davy se perde dos outros dois, contra todas as odds, pois a aposta era que o primeiro a se perder seria Aldi, como sempre, mas dessa vez foi diferente. Mas é natural, a não ser que amarrássemos uma corda um no outro.

Diante disso, vamos fazer uso de tal acontecimento para uma virada na narrativa já que agora só temos uma persona participativa na história, se isso aqui ao invés de texto, fosse um filme, agora passaria um clipe de transição.

Davy, deu duas ou três voltas na multidão em busca dos outros dois, voltou para a barraca das bebidas, se sentou lá por alguns minutos para ver se eles apareciam e nada, não adiantava ligar, Aldi estava sem bateria e ele não tinha o número de Muth, se contentou, já não bebia mais, e comprou uma água, decidi voltar para o transporte em que foi. Afinal já fez o que tinha de fazer e estava meio sonolento.

Já se era umas 3h da madrugada, parte da galera também tivera a mesma ideia que Davy, ir embora, então na rua de saída do festival, que era a mesma de entrada se via aquelas mesmas pessoas bem-vestidas, malvestidas, agora já não tão cheirosas, os vendedores ambulantes já catavam suas coisas e partiam para o descanso merecido dos trabalhadores.

O nosso camarada Davy, estava de fato embriagado, se mandassem ele fazer o quatro ele pediria um papel e uma caneta, então andava paulatinamente e com a cabeça erguida fazendo cara de poucos amigos, afinal não se pode dar pinta de vulnerável em locais desconhecidos, nesses casos é melhor ser uma incógnita para todos.

Entretanto, o que Davy não espera é que ele veria uma pretinha baixinha de cabeleira black volumosa, cheirosa e gordinha bem do jeito que o deixa simplesmente ensandecido, coxas volumosas e bunda que acompanha o tamanho escondida apenas por um shortinho jeans bem descarado, ou melhor, pretinha não, negona. Ela ia na frente na mesma calçada, andava devagar também, por incrível que pareça estava sozinha. Davy a olhou pelas costas de cima a baixo e decidiu em seu juízo "não vou deixar passar".

Se aproximou e disse:

– Boa noite – falou com a voz já meio rouca por conta do gelo e álcool, o que a deixa deveras excitante.

– Boa noite – ela respondeu e olhou para trás à procura de algo.

– Bom, melhor não – disse Davy apressando um pouco o passo.

– Não, peraí – ela o falou.

Ele diminui o passo e a acompanhou andando ao seu lado

– Eu vi você olhando para trás aí eu pensei que você não quisesse companhia ou que eu estava incomodando.

– Não, como você tira essas conclusões tão precipitadas assim, menino, calma – falou ela com um risinho estampado no rosto, ela tinha o rostinho pequeno, que quando sorria as bochechas saltavam, bem engraçadinho, sua voz era doce, quando falava era como se realizasse pinceladas de mel nos ouvidos de Davy, uma coisa maravilhosa de se ouvir, os cachos de seu cabelo invadiam a testa e ocultava-lhe um pouco dos olhos, dando-lhe um ar de misticidade ou algo parecido.

– Então vamos juntos, eu faço companhia a você e você faz companhia a mim – ela concordou e seguiram andando lentamente.

Trocaram alguns verbos enquanto andavam, até que começaram a falar sobre o que fazíamos, ela disse-me que fazia um curso de farmácia e que já trabalhava em uma, morava em outra cidade, Davy por sua vez disse que estudava Direito e que estava no quinto semestre e morava em outra cidade também.

Ela, a priori, para Davy aparentava ser inteligente, estava procurando melhorar de vida, não era acomodada, e isso muito apetece ele, em quem quer que seja, sendo nela, apenas aumentava a necessidade de não a deixar passar.

Dito e feito, pararam de andar e enquanto eles conversavam sobre sei lá o que, Davy foi se aproximando e se aproximando e ela também, até que ele pega no braço dela e fala, emendando numa frase que ela acabara de terminar: – …*e por isso sua boca merece um beijo* – e os dois se pegam e se beijam, ali mesmo, Davy sentiu e entendeu o porquê das palavras proferidas por ela serem tão doces, seus lábios também os era, e por isso eles ficaram ali sem perder o fôlego, conhecendo cada centímetro da boca um do outro com suas macias e suculentas línguas e lábios, revezando um pouco no de cima ou pouco no de baixo, ora para esquerda, ora para a direita, Davy a abraçou forte e fez a sentir sua virilha que mostrara para que veio, depois de alguns minutos eles desvencilharam-se, mas manteram o abraço. Os dois riem como se perguntasse "o que acabou de acontecer" de praxe. Davy a olha e dá beijos de carinho na bochecha e no pescoço, uma sugada com mais vigor no pescoço também foi feita. Voltaram a se beijar uma, duas, três, quatro, até perderem a conta.

Davy já estava pronto para a ação, então como ela disse que morava em outra cidade, ele deduziu que ela viera de van também, logo sugeriu de eles irem para a van, ou a dele ou a dela, mas ela, para a surpresa dele, disse que na verdade ela morava ali mesmo, Davy riu, e então sugeriu irem para a casa dela, ela aceitou assim que ele terminou de falar.

Saíram andando abraçados, Davy com seu braço ao redor do pescoço da garota e sentindo seu cheiro e o cheiro do seu cabelo, dando mais beijinhos e selinhos a atiçando falando que na cama ele é considerado maratonista, pois seu foco é a resistência e que seu recorde é de 1 hora e meia e que naquela noite ele quebraria fácil esse recorde com ela. Ela por sua vez o abraçava cada vez mais forte.

Enfim chegaram na casa da garota, mas para o azar do nosso camarada, a mãe dela estava na sala a esperando acordada. De certo, ela sim queria entrar com ele, mas o receio da reação da mãe era maior. A mãe não viu o Davy, pois na casa tinha um rol, e ele não passou deste.

De todo modo, ficaram os dois sentados no passeio agarrados se beijando mais e mais, já estavam praticamente concluindo um doutorado sobre a geografia da boca um do outro. Então como o sábio não pode se limitar a uma só cátedra, Davy partiu a aprender sobre a topografia dos grandes peitos dela que se apresentavam em decote propício a brincadeira, e ele brincou, sentiu tocou, conferiu reconferio e beijou e os beijou bem ali mesmo e os chupou também, não quis saber de introduções, partiu para as matérias avançadas (tinha um carro estacionado na frente do passeio, o que tampava um pouco da visão de quem passava, mas se quisessem ver veriam), ficaram nessa pegação por mais uns vinte e cinco a trinta minutos. A única coisa que interrompeu os dois foi uma vizinha passando dando boa noite e um primo dela que chegou para entrar em casa (no segundo andar), só que ele vinha com um pitbull amarelo que de brincadeira mandeu pegar Davy, sorte que o bicho era dócil e não fez mais que brincar, mas não tenha dúvida que Davy gelou a barriga com medo do cachorro.

Voltaram a agarração para completar mais ou menos quarenta minutos, a noite já começava a dispersar, o céu preto começava a se acinzentar. Eles enfim perguntaram o nome um do outro e ela o entregou seu número e perfil no instagram mandando que

Davy a ligasse ou mandasse mensagem, pontuando que geralmente os outros não fazem, mas ele disse que era igual aos outros. Davy, por sua vez, como gentleman que é, a convidou para um jantar na casa dele qualquer dia que ela possa ir para passar um final de semana, prometeu cozinhar e servir vinho, ela disse que iria, bastando um convite mais organizado.

Se despediram, com mais um amasso, Davy sentindo agora a cátedra da composição biológica da bunda da garota e ela a do seu pau já enriste.

Findaram com um selinho e um tchau tchau, partiram cada qual para a suas vidas.